

Doutor Moacyr

Vestindo um jaleco branco e munido de estetoscópio, Moacyr Scliar ainda moço ajudou a semear o que viria a ser uma revolução na saúde pública gaúcha.

Um dos frutos dessa experiência é o livro sobre saúde que o escritor, formado em Medicina em 1962 (foto), preparava-se para lançar neste mês. Trechos da obra são reproduzidos com exclusividade pelo Vida em uma reportagem especial na página central, que retrata um outro talento do autor morto no domingo passado, aos 73 anos.

O caderno também traz um texto inédito para a coluna A Cena Médica, enviado por Scliar no dia em que se hospitalizou para uma cirurgia – e que ficou à espera de sua recuperação.





O último texto

Às 14h6min de 11 de janeiro, chegou ao e-mail do Vida uma mensagem de Moacyr Scliar. O escritor decidira enviar, adiantado, o texto da semana seguinte, pois naquela terça-feira iria se submeter a uma cirurgia. Cinco dias depois, ainda no hospital, Scliar sofreu um AVC. À época, Zero Hora decidiu guardar a coluna, e agora compartilha com o leitor o último texto do escritor.

Humores e hormônios



MOACYR SCLIAR

Hipócrates, médico grego que viveu no quinto século antes de Cristo e que é considerado o pai da Medicina (sobretudo por ter deixado de lado as crenças mágico-religiosas privilegiando o raciocínio e o estudo dos fenômenos naturais no que dizia respeito ao organismo), afirmava que nosso temperamento é condicionado pelo que chamava de humores, e que eram quatro: o sangue, a linfa, a bile amarela e a bile negra. O tipo sanguíneo, por exemplo, seria um cara energético, dinâmico, ativo; já a bile negra (um fluido imaginário, na verdade) deixaria a pessoa melancólica.

Hipócrates estava errado, mas não muito. Há substâncias que condicionam, sim, características pessoais; mas não são os humores, são os hormônios, cuja descoberta é muito mais recente.

Tomem, por exemplo, a testosterona, cujas taxas são cerca de 30 vezes maiores nos homens do que nas mulheres, caracterizando muito daquilo que a gente poderia chamar de perfil masculino, os caracteres sexuais secundários (barba, voz grossa), a agressividade. Este hormônio se eleva em circunstâncias especiais; por exemplo, em torcedores que veem seu time entrar em campo. Mas a testosterona também pode baixar, inclusive em homens. Recentemente, foi divulgado um trabalho a respeito, mostrando que as lágrimas de uma mulher diminuem a taxa do hormônio em homens, tornando-os menos agressivos, mais compassivos. A dúvida de imediato surge: isto é resultado do fato de ver a mulher em pranto? Não. Os cientistas trataram de

evitar que os homens estudados vissem as mulheres chorando; impregnaram fragmentos de papel absorvente com as lágrimas e fizeram os homens cheirá-los, com o que a concentração da testosterona caiu cerca de 15%.

Somos, então, condicionados pelos nossos hormônios? Só em parte. Não devemos esquecer que o ser humano é um ser racional e emocional. É bom solidarizar-se com o sofrimento de pessoas, mas não precisamos baixar a testosterona para isto. Basta-nos a sinceridade, para seguirmos aquilo que temos de melhor em nós próprios. E que não depende de nenhuma substância, venha ela de fora ou de dentro do nosso organismo.



A medicina de Scliar

Em vez de ir ao cinema, o estudante Moacyr Scliar ficava na porta do HPS para ver como o povo era tratado

JULIANA BUBLITZ

Preocupado com a sorte da parcela mais miserável da população, num tempo em que o Sistema Único de Saúde (SUS) sequer existia, Moacyr Scliar escolheu um caminho diferente da maioria dos médicos da época. Não quis ter um consultório em um bairro chique da Capital. Tornou-se sanitarista e foi um dos precursores de um novo modo de pensar e de fazer saúde pública no Estado.

A Medicina, garantem amigos e familiares de Scliar, foi mais do que uma inspiração para escrever, embora esteja presente o tempo todo – direta ou indiretamente – em sua produção literária. Exemplo disso é uma preciosidade que acaba de sair do prelo e tem lançamento previsto para este mês: o primeiro livro póstumo de Scliar, que este caderno apresenta com exclusividade. Coincidência ou não, em 121 páginas, o texto também tem na Medicina o seu tema central (*leia mais na página ao lado*).

– É raro que eu escreva alguma coisa em que não faça alusão a minha condição de médico – costumava dizer o imortal.

E isso começou cedo, ainda na década de 60. Aos 25 anos, quando cursava Medicina na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o jovem doutor publicou seu primeiro livro – *Histórias de Médico em Formação*. Foi nessa época, ao lado de colegas como Ivo Nesralla, hoje cardiologista renomado, que o morador do Bom Fim, na Capital, passou a externar uma obsessão. Filho de pais humildes, Scliar acreditava que o bom médico deveria ser sensível aos mais necessitados, priorizar uma medicina preventiva e atender bem



Scliar (na foto, o primeiro sentado na fileira da frente, à esquerda) se formou em 1962 na Faculdade de Medicina da UFRGS, na Capital



sem distinção de classes.

– Naquele tempo, não havia SUS. Havia os indigentes e os que tinham convênios. Os indigentes ficavam numa situação muito difícil. E o Scliar sempre se preocupou com isso. Era um humanista – lembra Nesralla.

Certo dia, o atual presidente da Fundação Instituto de Cardiologia teve uma ideia. Decidiu estabelecer a chamada “missa dos cadáveres” na faculdade. Nesralla acreditava que, antes de manusearem

os corpos doados para estudo, os futuros médicos deviam respeito aos defuntos. Scliar, apesar de ser judeu, foi o primeiro a apoiá-lo na cerimônia.

– Ele achou muito boa a ideia – conta.

Ideias, aliás, não faltavam ao inquieto porto-alegrense. Naquela mesma época, segundo o jornalista Gabriel Oliven, cunhado de Scliar, o então estudante dei-

xava de ir ao cinema com os amigos para se postar, teimosamente, diante do Hospital de Pronto Socorro (HPS). Passava horas lá, apenas observando. Queria saber como a população era tratada.

– O Moacyr nunca quis ser um médico de elite. Ganhar dinheiro com a Medicina não era o mais importante – lembra Judith, 66 anos, com quem o sanitarista era casado desde 1965.

Foi com esse ideal em mente que o escritor causou furor ao ler o discurso de formatura de sua turma, em 1962. Diante do púlpito, com o dedo em riste, falou em alto e bom som o que nem todos queriam ouvir:

“A Medicina só será verdadeira”, pregava, “quando a formação universitária for orientada no sentido de uma maior ligação com a realidade brasileira, em vez de ficar isolada dos problemas do nosso povo”. E prosseguia, resolutivo: “A Medicina será verdadeira quando os médicos

deixarem de gravitar ao redor de uma reduzida minoria de favorecidos”.

Talvez por pensar assim, acredita o psicanalista e primo de Scliar, Abrão Slavutzky, 63 anos, ele tenha enveredado para a saúde pública. Chegou a fazer residência em Medicina Interna na Santa Casa, a dar aulas de Nefrologia e a trabalhar no Hospital Sanatório Partenon, mas acabou dando uma guinada na carreira. Isso ocorreu em 1969, quando foi convidado a chefiar a Equipe de Educação em Saúde da Secretaria Estadual da Saúde.

juliana.bublitz@zerohora.com.br

Scliar foi professor da antiga FFFCMPA (atual UFCSPA), onde, durante anos, difundiu seu modo humanista de encarar a Medicina, formando médicos preocupados com a questão social

MOACYR Scliar, orador de sua formatura na

A medicina verdadeira, formação orientada para a realidade, em vez de ficar isolada dos problemas do nosso povo. A medicina verdadeira quando os médicos deixarem de gravitar ao redor de uma minoria de favorecidos.



Scliar (C) em visita ao Instituto de Cardiologia, em Porto Alegre, à época em que era diretor do Departamento de Saúde Pública do Estado, no início dos anos 80



FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Capital

MOACYR SCLiar, orador de sua turma, no discurso de formatura na UFRGS, em 1962

“

A medicina só será verdadeira quando a formação universitária for orientada no sentido de uma maior ligação com a realidade brasileira, em vez de ficar isolada dos problemas do nosso povo. A medicina será verdadeira quando os médicos deixarem de gravitar ao redor de uma reduzida minoria de favorecidos

Revolução na saúde pública

Na época em que trabalhou com Moacyr Scliar, relata o epidemiologista Airton Fischmann, o Rio Grande do Sul iniciou uma luta pela erradicação da varíola, que logo se transformou em uma ofensiva mais ampla, contra outras doenças infecciosas, como a coqueluche, o tétano, a paralisia infantil e a difteria. A iniciativa desencadeou a modernização da secretaria, com a introdução da vigilância epidemiológica, de um sistema rigoroso de notificação semanal de casos suspeitos e de campanhas abrangentes de saúde. Por trás dessas inovações, estava um grupo de jovens profissionais especializados, entre eles o sanitarista.

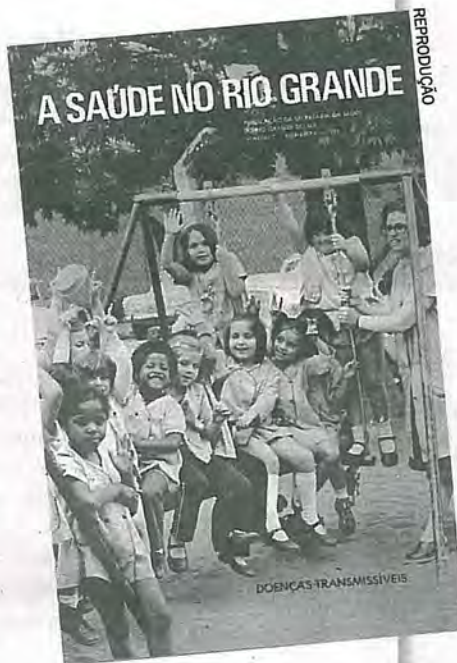
— Essa foi uma fase muito importante, que representou uma revolução no sistema de saúde, com o controle das doenças transmissíveis e a queda abrupta dos índices de mortalidade infantil no Estado. Scliar participou disso, fazendo chegar à população esses novos conceitos — revela Fischmann.

Era como se ele finalmente tivesse encontrado seu lugar no mundo dos bisturis. Em 1970, disposto a se aprofundar no tema, fez pós-graduação em Medicina Comunitária em Israel. Voltou cheio de ideias, como era de seu feitio. Mais tarde, tornou-se diretor do Departamento de Saúde Pública e deixou pelo caminho admiradores fiéis. Entre eles, o ex-secretário estadual da Saúde Germano Bonow:

— Scliar tinha uma inteligência acima da média. Era muito eficiente e admirado. Realmente gostava do que fazia.

Não só gostava como tinha verdadeira paixão pela profissão, embora tenham sido seus dotes como escritor os responsáveis por alçá-lo à fama. Decidido a contaminar outras pessoas com esse amor incondicional, foi professor na antiga Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFFCMPA), hoje Universidade Federal de Ciências da Saúde da Capital (UFCSA).

Durante anos, difundiu seu modo de encarar a Medicina e formou gerações de médicos preocupados com a questão social. Em 1993, chegou a atuar como professor visitante na Brown University, nos Estados Unidos, na disciplina de Humanidades Médicas. Nos anos 2000, tornou-se chefe do Departamento de Saúde Coletiva da FFCMPA e fez seu doutorado na Escola Nacional de Saúde Pública, no Rio. Foi incansável e intenso em tudo o que fez. E foi mais do que um médico. Bem mais.



Boletins de saúde

Durante sua passagem pela Secretaria Estadual da Saúde, Scliar editou boletins informativos que fizeram história. Num tempo em que o acesso à informação era limitado, o médico fez chegar à população dicas importantes de saúde pública. Entre outros assuntos, os folhetos ensinavam como as pessoas podiam se prevenir de doenças contagiosas.

EDITOR

Dr. Moacyr J. Scliar

Em novo livro, diálogo sobre o corpo e a alma

Antes de adoecer, Moacyr Scliar deixou encaminhado um novo livro, fruto de uma conversa informal e instigante com o psicanalista Rubem Alves. Seria apenas mais um em sua vasta contribuição literária, não fosse a partida precoce.

Esta semana, a família recebeu da editora Saberes exemplares recém-saídos da prensa. O lançamento oficial, segundo Judith Scliar, viúva do escritor, está previsto para este mês.

Com exclusividade, o caderno Vida adianta o que os leitores encontrarão em *Rubem Alves & Moacyr Scliar Conversam sobre o Corpo e a Alma – Uma Abordagem Médico-Literária*. Mediado pelo médico Odorico Monteiro, o diálogo é um passeio por temas variados, que tem como fio condutor a Medicina. Confira a seguir alguns trechos, pinçados nas falas de Scliar:

Os interesses

“Eu me formei em Medicina em 1962, trabalhei como clínico durante alguns anos, inclusive em um sanatório de tuberculose. Ali tive uma visão diferente da doença: constatei que esta podia ser vista como um problema da população, diagnosticada, prevenida e tratada; e o Brasil tinha um excelente programa, famoso mundialmente. Fiz então uma opção: fui trabalhar em saúde pública, o que fiz pelo resto da minha vida profissional. Paralelamente, fui desenvolvendo vários interesses na área; por exemplo, a história da Medicina e da saúde pública. Sempre li muito para saber como pensavam os médicos do passado, sobretudo aqueles que enfrentavam doenças endêmicas e epidêmicas. É um tipo de conhecimento que ensina muito e que neutraliza um pouco da inevitável arrogância profissional!”

Corpo x alma

“Médicos em geral estão mais preocupados com as coisas concretas do corpo, pelo fato de poderem diagnosticar e tratar. Assim, deixam a alma para outros especialistas. O corpo é deles, e a alma, dos outros. Mas trata-se de algo curioso, porque isso foi se estabelecendo de forma gradual ao longo da história. Quer dizer, se olharmos para a Antiguidade, por exemplo, e sobretudo se analisarmos as religiões monoteístas, veremos que a alma é uma entidade muito importante.”

O poder médico

“O poder médico é algo que tem história. Mas nem sempre os médicos foram poderosos. Por exemplo, os primeiros médicos de Roma eram gregos, prisioneiros de guerra que foram levados para a capital do Império como escravos. Com o tempo, a Medicina foi se estruturando como profissão. Um passo importante foi a criação das faculdades de Medicina, que ocorreu também no começo da Modernidade, se tornando uma profissão codificada, com espírito de corpo bastante intenso. E, então, a partir do conhecimento médico, nasceu o poder médico.”

A cura pela literatura

“Que a literatura tem um efeito, digamos, terapêutico, é coisa que se sabe há muito tempo. É claro que ninguém vai tratar uma doença cardíaca por meio da leitura, ainda que livros de autoajuda e similares possam introduzir indivíduos ao exercício físico, a uma dieta mais adequada, a um manejo sensato de seus problemas emocionais, etc. Mas estamos falando de outra coisa, estamos falando da possibilidade de a pessoa melhorar, ou mesmo se sentir curada mediante a leitura de um texto literário. Pode acontecer sim.”